

TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA

Josemar Trant de Miranda, Coronel da Reserva da PMMG

Artigo publicado por ocasião do 40º aniversário do ingresso na PMMG da turma formada em 1967.

Em 1º de março de 1964, entramos pelos portões do então Departamento de Instrução.

Um mês depois, com insígnias feitas às pressas, com esparadrapo, nos desengonçados uniformes, soubemos que começara uma revolução. Quando acabou, soubemos que éramos o lado rebelde e que havíamos vencido, porque todo mundo aderira aos rebeldes.

Nossa formação era tipicamente militar e os oficiais que ensinavam policiamento eram vistos, no mínimo, como menos importantes.

Um desfile da vitória com capacetes de aço e fuzis metralhadores serviu de alerta ao governo federal para as mudanças.

Em 1967, saiu primeiro o decreto 317, depois o 667, mais aperfeiçoado. Empurrava toda a Polícia Militar aquartelada nas grandes e médias cidades para as ruas, para as missões de policiamento. Nas salas de aula, os oficiais analisavam perante os alunos as mudanças e reclamavam da "ingratidão" dos aliados federais. Já aspirantes, aprendendo a ser polícia, vimos um plano de policiamento ostensivo metropolitano lançar toda a Polícia Militar nas ruas, assumindo as funções que o decreto nos destinara.

Enquanto isto, todo um arcabouço legal – Estatuto, regulamento geral, regulamento disciplinar, de uniformes, manuais – atualizava a situação da Instituição.

A década seguinte, de 70, foi marcada pela informatização de orçamento, de pessoal e de ensino. Ao mesmo tempo, os seminários operacionais buscavam ensinar a Polícia a discutir e a executar policiamento. Foi a época em que, atraídos pelas oportunidades do desenvolvimento do Estado, ocorreram as primeiras defecções da turma e a década em que sucessivos "jumbões" de aumento de vencimentos eram diluídos em várias etapas trimestrais.

O início dos anos 80 mostrou as primeiras grandes manifestações populares, a criação da Polícia feminina, o estabelecimento de novas doutrinas para o policiamento, a adequação da formação da Academia aos novos tempos, o enxugamento da atividade-meio em benefício da operacional.

A informatização chega ao despacho de rádio patrulhas e ao sistema logístico.

Foi a década da abertura política e, ao mesmo tempo, uma juventude pensante, influenciada pela música, pelo cinema, pela televisão, começou a chegar aos postos-chaves da corporação, provocando mudanças.

Fenômenos sociais, como o crescimento acelerado da criminalidade nos anos oitenta, deram uma nova visão para a destinação da Instituição. A Polícia Militar, que recebera contrariada uma reserva de mercado de trabalho, abraçara-a com todo seu espírito público, aprendera a desempenhar sua missão da melhor maneira possível e se sentira útil e prestante, valorizada pela sociedade.

O último ano da década ficou marcado pela primeira grave crise institucional, que culminou com uma inesperada mudança na cúpula da PM.

Os anos noventa foram marcados pelas mudanças comportamentais na corporação e na academia.

Data dessa época, o primeiro olhar da Escola lançado em retrospectiva: o livro "Memória Viva" retratando as turmas de aspirantes de 1936 a 1990, escrito a quarenta e seis mãos.

A transferência para a reserva de todos os que tinham ingressado em 1º de março de 64 foi apenas um ato administrativo. Na realidade, todos continuavam a manter contato, a se informar e se preocupar com a Instituição.

Em 1997, a segunda e maior crise institucional. Como consequência, a eleição dos parlamentares e um novo olhar político sobre a Força Pública.

No terceiro milênio, estamos assistindo às primeiras medidas de integração dos serviços prestados pelas Instituições encarregadas do policiamento ostensivo e da polícia judiciária, em benefício da comunidade.

E nós, que hoje completamos quarenta anos desde o dia em que associamos nossas vidas e nossos destinos à Polícia Militar, com a perspectiva de um olhar mais distante, avaliamos o quanto a Instituição é reserva moral, útil e prestante, o quanto é comprometida com o bem-estar da coletividade, o quanto ela está consciente de sua responsabilidade cívica e profissional.

Por isso mesmo, tem sido uma honra e motivo de orgulho profissional, para nós, pertencer a seus quadros.

Mais que isto, tem sido um privilégio, uma fonte de conhecimento e de crescimento pessoal, ser partícipe e testemunha ocular da sua história mais recente.

Alunos do CFO - 1 de 1º de março de 1964